

Coleção Aventuras Grandiosas

Alexandre Dumas Filho

A DAMA DAS CAMÉLIAS

Adaptação de Ana Carolina Vieira Rodriguez

2ª edição

 EDITORA
RIDEEL

Capítulo 1

O LEILÃO

Assim que cheguei a Paris, retornando de uma viagem, li um cartaz informando a realização de um grande leilão na rua d'Antin, número 9. Seriam leiloados móveis, joias, tapetes, roupas e outros objetos de valor deixados por uma mulher, falecida há algumas semanas. Era dia 12 de março de 1847 e o leilão ocorreria no dia 16. No entanto, o local do evento, um luxuoso apartamento onde residia a antiga proprietária dos bens, estaria aberto à visitação nos dias 13 e 14.

Curioso como sempre fui, dirigi-me à rua d'Antin. Logo que entrei, perguntei ao guarda que estava na porta:

— A quem pertenceu este apartamento?

— Margarida Gautier.

— Margarida Gautier morreu? — perguntei, surpreso.

— Sim — respondeu o guarda, muito sério, firme em seu trabalho de garantir que nenhum bem fosse roubado.

O local estava cheio de pessoas, incluindo damas da alta sociedade, que queriam ver de perto o lugar onde morou uma das mais famosas **CORTESÃS** de Paris. Como o cartaz não dizia de quem era o **ESPÓLIO**, elas usavam essa desculpa para entrar e observar cada detalhe do apartamento repleto de tapetes persas, cortinas de seda, móveis assinados pelos mais importantes decoradores da cidade, entre outros presentes dos diversos amantes de Margarida Gautier. Podia-se até ouvir cochichos e gritinhos abafados quando as senhoras adentravam o quarto da cortesã, local onde ocorreram intensos encontros amorosos tempos antes.

Eu não conheci Margarida Gautier pessoalmente mas a tinha visto circular dentro de sua carruagem azul, puxada por dois lindos cavalos de pelagem marrom, pela avenida Champs-Élysées, todas as manhãs. A cidade inteira também conhecia sua presença em apresentações de teatro, música, bailes e outros eventos culturais, sempre acompanhada de um buquê de camélias nas mãos, às vezes flores brancas, outras vermelhas. As pessoas a viam e comentavam:

— Lá está a Dama das Camélias.

Margarida tinha a pele alva, os olhos bem pretos, amendoados, com os

👉 **CORTESÃS**: prostitutas elegantes

👉 **ESPÓLIO**: bens de uma pessoa que morreu



cílios longos. As sobrancelhas mais pareciam uma pintura emoldurando seu rosto e as maçãs da face costumavam ser coradas, até que a **TUBERCULOSE** atacou seus pulmões, deixando-a abatida, mas nunca feia. Seus cabelos negros brilhantes, lisos na altura da cabeça e cacheados quando caíam sobre os ombros, lhe davam uma beleza **ÍMPAR** e combinavam muito bem com o nariz fino e a boca perfeitamente desenhada, que costumava se abrir em um sorriso alegre, de dentes muito brancos, quando passava por algum conhecido. Voltei para casa pensando: “Pobre moça! Espero que tenha tido um final de vida feliz...”.

Era de conhecimento geral que Margarida Gautier estava doente. Cerca de cinco anos antes de sua morte, em 1842, seu estado de saúde piorara de tal maneira que, por ordens médicas, foi passar uma temporada em Bagnères, uma estação de águas. Lá ela conheceu a filha de um **ABASTADO** duque, que sofria da mesma enfermidade. A moça, muito fraca, não aguentou muito tempo e acabou morrendo. Quando o duque chegou para sepultar o corpo da filha viu Margarida e quase caiu para trás ao notar a incrível semelhança entre a cortesã e a filha. Chorando, o duque abraçou-a e pediu:

— Por favor, deixe-me cuidar da senhorita como se fosse minha filha.

Margarida contou ao duque sobre sua vida **PREGRESSA**, mas nem isso o fez desistir de tomar conta dela. Os dois tornaram-se muito amigos durante o tempo em que ela permaneceu em Bagnères. Ele ia vê-la todos os dias, pagava seus medicamentos, presenteava-a com quitutes, fazia-lhe companhia em passeios pelo bosque e lhe tinha um carinho de pai. Quando, sentindo-se mais disposta, embora não totalmente curada da doença, chegou a hora de Margarida voltar a Paris, o duque lhe fez outro pedido:

— Mude de vida, por mim. Eu continuarei a visitá-la, pagarei por todas as suas despesas, mas não volte a ter amantes. Isso seria muito doloroso para um pai.

Margarida concordou e, por um tempo, de volta à cidade, as coisas ocorreram do modo como o duque desejou. No entanto, alguns amigos acabaram contando ao duque que Margarida voltara a receber amigos em sua casa quando sabia que ele estava viajando. Isso o deixou furioso. Diante das perguntas do duque, a resposta de Margarida foi a seguinte:

- ☞ **TUBERCULOSE**: doença causada por uma bactéria que ataca os pulmões
- ☞ **ÍMPAR**: sem igual, única
- ☞ **ABASTADO**: rico
- ☞ **PREGRESSA**: anterior





— É melhor que o senhor pare de se preocupar comigo. Não consigo cumprir minha promessa.

O pobre homem foi embora cabisbaixo, triste e profundamente magoado. Oito dias depois, voltou à casa da cortesã, implorando:

— Deixe-me voltar a cuidar da senhorita, a visitá-la e a lhe fazer companhia. Prometo aceitá-la como é e não interferir mais na sua vida.

O apartamento da rua d'Antin estava movimentado na manhã do leilão. Grande parte do que se arrecadaria com a venda dos bens serviria para pagar dívidas, por isso muitos **CREDORES** encontravam-se presentes. O restante seria entregue aos herdeiros de Margarida, uma irmã gorda e forte, camponesa em um povoado rústico perto de Paris, e seu filho. A irmã, de hábitos simples, olhava assustada para tudo; fazia uns sete anos que não via Margarida. As pessoas também estranharam a herdeira, tão diferente da elegante falecida.

Assisti à venda de vestidos, xales, cadeiras, mesas, sofás com tecidos finos, joias de todos os tamanhos e brilhos, presentes de muitos homens apaixonados. Nada daquilo me interessou. No entanto, quando anunciaram a oferta de um livro chamado *Manon Lescaut*, do escritor Abbé Prévost, dei o primeiro lance no valor de dez francos. Não sei bem por que fiz aquilo. Talvez fosse porque o leiloeiro disse que havia uma dedicatória qualquer na primeira página. Um outro senhor gritou:

— Quinze francos.

— Trinta — gritei.

— Quarenta — ofereceu meu oponente, olhando para mim com ar de desafio.

— Cinquenta — provoquei.

— Sessenta — disse ele.

— Cem! — gritei, finalmente calando o sujeito, que se misturou na multidão do apartamento e não fez mais nenhuma oferta, para minha sorte.

Muitas pessoas espicharam o olho na minha direção, querendo conhecer o homem que arrematou um livro que custaria quinze francos em qualquer livraria por cem. Não me importei. Fui até o leiloeiro, paguei e levei para casa meu belo livro encadernado. Já no sofá da minha sala, abri a primeira página e li:

Manon para Margarida: Humildade

Assinado: Armando Duval

Mais tarde, deitado em minha cama, pensei novamente no livro. *Manon Lescaut* era uma bela história de amor. A heroína de Abbé Prévost morrera como

✌ **CREDORES:** pessoas a quem se deve dinheiro

Margarida, só que nos braços de seu amado. Margarida, pelo que soube, morrerá solitária. Minha ânsia de ler novamente aquele romance aumentou, tamanha era a vontade que tinha de descobrir, na personagem de Prévost, traços da misteriosa Margarida Gautier.

Capítulo 2

O AMANTE

Alguns dias depois do leilão, quando já haviam vendido todos os bens de Margarida e fechado o apartamento, meu criado avisou que um senhor queria falar comigo.

— Quem quer me ver tão cedo? — perguntei ao criado.

— Ele diz chamar-se Armando Duval.

Lembrei-me imediatamente do nome assinado no livro que comprara no leilão e pedi que a visita entrasse. O jovem alto e loiro que apareceu na porta estava com a roupa bem **AMARROTADA**, o rosto cansado e abatido.

— Desculpe-me aparecer tão cedo e ainda por cima com esta aparência deplorável, mas eu precisava falar com o senhor — disse ele. — Cheguei agora a Paris.

Sentamo-nos na sala de estar e ele começou a falar, bem-afobado:

— Assim que o dia raiou, fui ao leiloeiro que negociou os bens de Margarida Gautier. Infelizmente, não cheguei a tempo de participar. Ele me mostrou a lista de compradores e vi que o senhor adquiriu um livro.

— *Manon Lescaut* — confirmei.

Armando pareceu muito aliviado quando pegou o volume que retirei da estante e entreguei em suas mãos. Depois pediu:

— O senhor me vende?

— Desculpe a intromissão, mas por acaso foi o senhor que escreveu a dedicatória na primeira página? — perguntei.

— Sim, fui eu — disse, um pouco nervoso.

— Neste caso o livro é seu. Pode levá-lo.

— Não quer o dinheiro de volta? Sei que pagou caro por ele.

— De maneira nenhuma. Fico muito feliz em poder devolver o livro.

👉 **AMARROTADA:** amassada





— Por que o comprou? — perguntou, temeroso de que eu também tivesse tido alguma relação com Margarida Gautier.

Tranquelizei-o dizendo que só conhecera Margarida de vista e que comprara o livro apenas para ter uma recordação de uma mulher bonita que se foi.

— Aceite o livro como forma de marcar o começo de uma amizade entre nós.

Aquelas palavras o fizeram desmontar. Com um nó na garganta, ele me estendeu um envelope, uma carta de Margarida Gautier, na qual a moça se despedia, dizendo que se sentia muito fraca e sabia que seu fim estava próximo. Ela dizia também que o desculpava, pois sabia que o mal que lhe quisera fazer tinha sido por amor. Dizia amá-lo tanto que estava escrevendo um diário dos momentos felizes que passaram juntos, manuscritos estes que deixaria com sua amiga Júlia Duprat, depois que se fosse. Por último, pedia que ele fosse ao leilão de seu espólio e comprasse alguma coisa de lembrança. Ela não podia reservar-lhe nada, pois todos os seus bens estavam **CONFISCADOS** pelos credores. Margarida se despedia com sincera tristeza e saudade de seu amado.

— Entende agora que a mulher que morreu era como um anjo para mim? — perguntou-me, com os olhos molhados.

Ofereci novamente minha amizade e disse que estava disposto a ajudá-lo no que fosse preciso.

— Agradeço, mas creio que agora preciso descansar. Um dia prometo contar-lhe toda a minha história com Margarida — disse ele, indo embora e levando o precioso livro.

— Seja forte! — disse eu, despedindo-me.

Cerca de um mês se passou e eu não o vi mais. Fiz algumas perguntas aos amigos, mas ninguém sabia quem ele era, até que um conhecido afirmou que Armando Duval fora apaixonado por Margarida, que eles viveram juntos por cerca de seis meses, em uma região de campo, longe da cidade. Quando Margarida voltou a Paris, no entanto, ele foi para a casa do pai, não se sabe bem por quê.

Em busca de seu paradeiro, fui até o cemitério onde Margarida estava enterrada, em **MONMARTRE**. “Talvez eu o encontre por lá”, pensei. O túmulo da cortesã era o mais enfeitado do lugar, repleto de camélias brancas fresquinhas. O porteiro do cemitério me disse que um rapaz alto e loiro chamado Armando lhe pagava para cuidar das flores e trocá-las sempre que estivessem murchando.

 **CONFISCADOS**: apreendidos

 **MONMARTRE**: bairro de Paris

— O senhor sabe aonde ele mora? — perguntei ao porteiro.

— Penso que seja aqui — respondeu, entregando-me um papel com o endereço de onde ele ia buscar o dinheiro das flores todo mês.

Fui até o prédio, mas informaram-me que o senhor Armando Duval estava viajando. Deixei um bilhete com a criada pedindo que ele me procurasse assim que chegasse a Paris. No dia seguinte de manhã recebi um bilhete de Armando pedindo-me que fosse ao seu apartamento. Ele estava de cama, com um pouco de febre.

— O que houve? — perguntei.

— Deve ter sido o cansaço da viagem — disse ele, cumprimentando-me.

— Se me permite perguntar, por onde esteve? — disse eu.

— Fui visitar a irmã de Margarida. Na verdade, pedir sua autorização para transferir Margarida de lugar. Não quero que fique no cemitério de Monmartre.

— Você quer dizer desenterrá-la? — perguntei, surpreso. — Armando, o túmulo está tão bem-cuidado. Deixe-a descansar em paz.

— Esteve no cemitério?

— Sim — respondi. — O porteiro troca as camélias quase todos os dias.

— Fico feliz, mas Margarida merece mais. Comprei um terreno só para ela.

— E o que disse a irmã de Margarida?

— Estranhou, pois para ela sou um desconhecido, mas assinou a autorização — disse, com ar de alívio.

Ele me pediu que o ajudasse na burocracia necessária para o traslado do corpo, pois sentia que não tinha forças. Contatei as autoridades responsáveis, retirei documentos e acompanhei Armando no dia em que o caixão foi retirado e transferido para um lindo terreno arborizado, onde um jardineiro se encarregaria de mantê-lo limpo e bonito. Quando voltamos para sua casa, seu estado de saúde tinha piorado e precisei chamar um médico para vê-lo.

Duas semanas mais tarde, Armando começou a recuperar-se, tendo sofrido muitos dias de febre e delírio. Eu ia visitá-lo sempre para ler, trazer notícias da sociedade, conversar e fazer companhia. Certa tarde de céu **LÍMPIDO** e colorido, com o pôr do sol dando um alaranjado maravilhoso às nuvens **ESPARSAS**, Armando me disse, ainda fraco:

— Conheci Margarida nesta época do ano. Era um dia agradável como o de hoje.

👉 **LÍMPIDO**: claro

👉 **ESPARSAS**: espalhadas, dispersas



— É melhor falarmos de outra coisa — sugeri. — Não quero que se emocione. Você ainda está muito debilitado.

— Quero falar. Chegou a hora de eu lhe contar nossa história.

Antes de começar, Armando saiu da cama e foi sentar mais perto da janela.

Capítulo 3

O ENCONTRO

Olhando o colorido **CREPÚSCULO** pelo vidro, Armando disse:

— Gostei dela desde o primeiro momento. Fui ao Teatro Ópera de Comédia certa noite e vi quando uma linda moça, impecavelmente vestida, com um buquê de camélias brancas nas mãos, acenou para Ernesto, o amigo que me acompanhava. No intervalo da peça, Ernesto me disse:

— Vamos comprar uns doces na confeitaria do teatro e oferecer à moça do camarote ali em cima. Você reparou como ela fez sinais para irmos lá?

— Ela apenas o cumprimentou — disse eu.

— Não seja bobo, ela está nos chamando. E há uma amiga ao lado dela.

— Não acha deselegante?

— Armando, você não está entendendo. Aquela é Margarida Gautier, a cortesã. Não vá pensando que vou lhe apresentar a uma dama — disse Ernesto.

Achei melhor me calar. Quando entramos no camarote, Margarida e a amiga estavam muito sorridentes. Logo abriram o pacote dos doces e puseram-se a saboreá-los com gosto. Vendo meu embaraço, davam risinhos e cochichavam de vez em quando. Aquela situação me era insuportável, por isso pedi licença e fui para o meu lugar, na plateia. Quando o sinal tocou dentro do teatro, avisando do reinício da peça, Ernesto voltou, dizendo:

— O que é que você tem? Elas acharam que estava maluco.

— Não me aborreça — disse.

Quando a peça acabou, olhei para o alto e vi Margarida com uma amiga saindo acompanhadas de dois rapazes. Aquilo me deixou tão incomodado que Ernesto logo percebeu.

📖 **CREPÚSCULO**: grande luminosidade no amanhecer (crepúsculo matutino) ou no entardecer (crepúsculo vespertino)



— Pelo jeito ela mexeu com você — disse. — Pobre Armando, é mais um que vai dar tudo o que tem a uma cortesã.

Passei a observar Margarida nos teatros, salões de chá e nos passeios de carruagem que ela fazia na avenida Champs-Élysées. Nunca me aproximei. Quando ela sumiu da vida social da cidade, perguntei por ela a Gastão, um grande amigo.

— Dizem que está doente, sofrendo dos pulmões — disse ele.

Descobri seu endereço e sempre ia à rua d'Antin, número 9, perguntar sobre sua saúde ao porteiro. Foi assim que soube de sua saída de Paris para Bagnères e acabei por perder o contato com ela. Dois anos mais tarde, no entanto, vi uma bela moça, com a pele muito pálida, descendo de uma carruagem na frente do Teatro de Variedades.

— Quem é aquela? — perguntei a Gastão, que me acompanhava para assistir a uma peça.

— Margarida Gautier. Está de volta a Paris, mas ainda muito doente.

Meu coração bateu forte. Dentro do teatro, percebi que ela estava sozinha em seu camarote e fazia sinais para alguém do outro lado. Tratava-se de Prudência Duvernoy, a **MODISTA**. Eu conhecia Prudência, então pensei ser aquela minha grande chance de ser apresentado a Margarida. Cumprimentei-a de longe no intervalo da peça e ela me chamou para ir ao seu encontro.

Já na companhia da modista, vi quando um homem de uns setenta anos entrou no camarote de Margarida do outro lado, com um saquinho de doces. Ela o abriu e, em um gesto, ofereceu as guloseimas a Prudência, mesmo de longe.

— Aquela é Margarida Gautier, não é? — perguntei, como se estivesse apenas curioso.

— Sim, é minha vizinha e cliente. Faço vestidos para ela — disse a modista, deixando-me ainda mais animado.

— E quem é aquele senhor?

— Um velho duque que a protege.

— Protege? — perguntei, com tom de **IRONIA**.

— Acredite se quiser, ele não é seu amante — disse Prudência, contando-me o que ocorrera com a filha do duque em Bagnères.

— E ela tem amantes?

— Agora acredito que não. Ainda está se tratando dos pulmões.

— Acredita que não?

 **MODISTA:** mulher que faz vestidos

 **IRONIA:** sarcasmo, gozação



— Às vezes vai um conde visitá-la, mas ela não gosta dele e sempre inventa desculpas para não recebê-lo. Eu já lhe disse que está sendo tola, que o conde é muito rico, mas não tem meios de Margarida apreciar a companhia daquele homem.

— Gostaria que me apresentasse a ela — disse eu.

— Você e seu amigo poderiam me acompanhar até minha casa. Se Margarida estiver bem, eu os apresento — sugeriu ela.

— E o duque não vai se chatear?

— Ele não estará lá. Costuma deixá-la em casa e ir embora.

Voltei ao meu lugar e informei Gastão do que tinha combinado com Prudência. Ele sorriu e, prevendo minhas intenções, disse:

— Por que não me pediu para apresentá-lo a Margarida? Somos conhecidos.

— A peça vai começar — respondi **ENCABULADO**.

Quando chegamos à casa de Prudência, Margarida já estava na sacada de trás de sua casa, chamando a amiga.

— O que houve? — perguntou a modista.

— Quando cheguei do teatro, o conde estava aqui. Minha criada o deixou entrar. Venha me fazer companhia, por favor. Não suporto ficar a sós com ele.

— Há dois senhores aqui comigo, que fizeram a gentileza de me acompanhar depois da peça, o senhor Gastão R. e o senhor Armando Duval.

— Conheço apenas o senhor Gastão. Não importa, traga-os junto, assim ficará mais fácil espantar o conde.

Em um minuto, estávamos na porta de Margarida Gautier e ela nos convidava para entrar.

— Olá, Gastão, há quanto tempo não nos vemos! — disse Margarida.

— Como tem passado? — perguntou Gastão.

— Não muito bem de saúde — respondeu.

— Permita-me lhe apresentar Armando Duval, um grande amigo — disse Gastão.

Ela me ofereceu a mão para beijar. Eu o fiz e disse, em seguida:

— A senhorita parece muito saudável.

— É apenas aparência. Não nos conhecemos de algum lugar? — perguntou ela.

— Uma vez, no Teatro Ópera de Comédia. Um amigo, Ernesto, nos apresentou, mas temo ter feito um papel ridículo — disse, de certa forma satisfeito por ela ter se recordado.

✌ **ENCABULADO:** envergonhado



— Ah, agora me lembro! Desculpe-me, tenho mania de deixar as pessoas sem graça logo da primeira vez que as vejo.

— Não tem problema. Fico feliz em vê-la melhor dos pulmões.

— Como sabe que sofro dos pulmões?

— Eu vinha aqui perguntar da senhora ao porteiro quando estava doente.

— E por que não entrou?

— Nunca me identifiquei.

— Está vendo? Este senhor vinha saber de minha saúde todos os dias.

O conde seria incapaz de um gesto desses — disse Margarida, provocando o senhor que tocava piano quando entramos.

— Eu só a conhecia há dois meses, Margarida — disse o conde, em um tom de desculpas.

— E este senhor me conhece há cinco minutos — provocou ela.

— Acho que devo ir — disse o conde.

— Já vai? E quando nos vemos novamente? — perguntou Margarida.

— Quando permitir minha visita.

— Então, adeus! — disse Margarida, levando-o até a porta.

Tive pena dele, pois percebi que estava apaixonado como eu. Margarida, no entanto, parecia aliviada com sua partida. Chamou Nanine, a criada, e mandou que ela servisse uma ceia. Sentados à mesa, comemos, bebemos e rimos durante muito tempo. Margarida parecia estar **EMBEVECIDA**, feliz com os convidados que, pelo menos por um tempo, afastavam-na de pensamentos ruins sobre sua saúde. De repente, no entanto, ela começou a tossir. Empalideceu rapidamente e correu para o quarto.

— Isso acontece de vez em quando — disse Prudência. — Ela tosse tanto que cospe sangue. Faz parte da doença. É melhor deixá-la sozinha. Logo estará de volta.

Não aguentei e fui atrás de Margarida.

Capítulo 4

A DECLARAÇÃO DE AMOR

Encontrei-a no quarto, atirada sobre uma poltrona, com um lenço manchado de sangue nas mãos. Aproximei-me sem que ela percebesse e toquei seu ombro.

— Deixe-me cuidar de você — pedi.

👉 **EMBEVECIDA**: extasiada, feliz





— Já estou bem, não se preocupe — disse ela, ainda um pouco ofegante.

Mesmo com a escuridão do aposento, vi que Margarida estava muito pálida, com os cabelos **DESGRENHADOS** e as mãos trêmulas. Aquela visão mexeu comigo de tal maneira que não conseguia me afastar dela. Queria beijá-la, abraçá-la, fazer de tudo para que ela ficasse curada.

— Margarida, sei que já deve ter ouvido isso muitas vezes, mas preciso lhe dizer uma coisa — comecei. — Desde a primeira vez que a vi, dois anos atrás, não consigo tirá-la do pensamento.

— O que está dizendo? — perguntou ela, sem compreender.

— Nem acredito que finalmente a conheci. Quero ajudá-la a ficar boa.

— Não vá me dizer que está apaixonado.

— Por que não?

— Porque isso não pode dar boa coisa. Se eu rejeitá-lo, você ficará magoado. Se eu o aceitar, você terá uma péssima amante. É melhor que sejamos apenas amigos.

— Não quero ser apenas seu amigo — disse eu.

— Escute, você é jovem, bonito, não merece uma mulher como eu.

— Não pensa que sou eu quem deve decidir isso?

Margarida começou a acreditar que eu estava falando a verdade sobre o amor que sentia. Olhou-me nos olhos e disse, para deixar bem claro.

— Não sou virgem nem nobre. Sabe que tive muitos amantes.

— Teve ou tem?

— Mulheres como eu, quando adoecem, são tratadas como lixo — disse, com amargura. — No entanto, não sei se saberia viver sem minha liberdade.

— É certo que eu sofro com isso, mas estou disposto a tudo para tê-la ao meu lado. Enfrentarei minha família, seu duque, qualquer um, caso me deixe amá-la.

— Ama-me a ponto de suportar que eu veja outros homens, que eu não lhe dê satisfações de minha vida?

— Sim.

Ela pensou um pouco, levantou-se da poltrona, andou pelo quarto, arrumou os cabelos e me olhou com ar sereno, sorrindo, como se indicasse que aceitava meus cuidados. Aquele olhar me encheu de esperança e não aguentei: tomei-a pela cintura e puxei-a para perto de mim. Ela me ofereceu os lábios, em um beijo quente, terno, porém intenso.

✂ **DESGRENHADOS:** desalinhados, revoltos

— Venha me ver amanhã, por volta de onze horas da noite — disse ela. — Vou dizer ao duque que vá embora mais cedo.

Voltamos à companhia de Prudência e Gastão, que se agarravam no sofá da sala. Rimos os quatro, eu mal conseguindo respirar de tanta ansiedade.

Passsei o dia seguinte muito agitado. Relembrava o tempo todo meu encontro com Margarida, a cena triste dela passando mal, nossa conversa, cada detalhe da noite anterior. Olhava o relógio de cinco em cinco minutos, contando o tempo que me afastava de minha amada. Indagava-me se Margarida seria capaz de me amar, de corresponder a meus sentimentos. Quando, no entanto, às onze em ponto, toquei a campainha de seu apartamento, temi que estivesse cometendo um grande erro.

— Ah, é você? — disse Margarida, ao me ver.

— Não disse para eu vir hoje, às onze? — perguntei.

— Tinha me esquecido — respondeu, parecendo agitada e muito nervosa.

Pensei em pedir desculpas e sair, mas a beleza de Margarida era como **MAGNETISMO**. Ela estava vestida com um **PENHOAR** de seda e pantufas, deixando os calcanhares nus à mostra.

— Nanine, vá até a casa de Prudência e diga que ela venha aqui assim que chegar. Preciso saber o resultado de uma questão de que a incumbi hoje cedo. Até agora não me trouxe a resposta — disse Margarida, em um tom enérgico.

— Prefere que eu vá embora? — perguntei.

— Fique. Pegue um livro e me espere. Eu já volto — disse ela.

Quando Nanine voltou, trouxe Prudência junto com ela.

— Você por aqui? — perguntou Prudência, com um sorriso **MAROTO**.

— Vim visitar Margarida, mas ela não parece bem — respondi.

— Não se preocupe, ela ficará feliz com a notícia que eu trouxe — disse Prudência.

Margarida entrou na sala afobada. Prudência passou às suas mãos um maço de dinheiro, dizendo:

— Estão aqui os seis mil francos. O duque me entregou sem reclamar.

— Pobre homem — disse Margarida, mas sem disfarçar a alegria de ver as notas.

👉 **MAGNETISMO**: atração, sedução, encanto

👉 **PENHOAR**: robe, quimono

👉 **MAROTO**: malicioso





A campainha tocou e Nanine veio anunciar, baixinho, que o conde estava na porta.

— Não deixe este senhor entrar mais aqui, Nanine. Aliás, Prudência, será que pode me fazer outro favor? Leve o conde daqui. Diga que estou de cama — disse Margarida.

A modista se foi, levando com ela algumas notas do dinheiro que pediu emprestado à amiga antes de sair. Finalmente, ficamos sozinhos. Nanine nos serviu uma bandeja com frango, morangos e uma garrafa do melhor vinho francês no quarto. Depois de comermos, Margarida me chamou para deitar ao seu lado.

De manhã, por volta das cinco horas, quando o sol começou a surgir, ela me pediu para ir embora, pois o duque costumava aparecer cedo. Abracei-a e beijei-a mais uma vez, acariciando seus lindos cabelos pretos, e depois me levantei.

— Espere — disse ela. — Leve isto, é um presente.

— A chave de sua casa? — perguntei, surpreso.

— Nunca fiz isso antes.

— Então quer dizer que me ama um pouco?

— Não sei como isso foi acontecer, mas acho que sim.

Saí pelas ruas de Paris caminhando em **ÊXTASE**. Cativar a atenção de uma virgem e mostrar-lhe os mistérios do amor tinha seu encanto, mas ser amado por uma mulher como Margarida era uma conquista difícil e muito mais valiosa. Fui para casa e dormi, feliz da vida, sem imaginar o que os delírios daquela primeira noite com Margarida me reservavam. Acordei com meu criado, que me trazia um bilhete:

Estarei no Teatro de Vaudeville às oito horas. Encontre-me lá. M.G.

Quando cheguei ao teatro e olhei para o camarote de cima, no entanto, senti uma fisgada no peito. O conde estava lá, ao lado de Margarida e Prudência. Ela me viu e percebeu meu desagrado, mas sorriu, fazendo cara de que eu não devia ficar triste. No intervalo do terceiro ato, o conde saiu do camarote, e ela me chamou. Fui até lá e encontrei-a muito carinhosa.

— Onde está o conde — perguntei, depois de cumprimentá-las.

— Foi comprar doces — disse Margarida. — Vamos, não seja ciumento. Ele comprou os ingressos. Prudência e eu não tivemos como recusar.

✌ **ÊXTASE:** encanto, arrebatamento

— Quando quiser vir ao teatro, diga-me e eu providenciarei os ingressos.

— Não fique assim. Prudência é testemunha de que tenho medo de me apaixonar por você. Somos confidentes.

— Não fala em outra coisa a não ser em Armando Duval desde ontem — disse a modista, em tom de cansaço.

— Agora vá — disse ela, beijando-me o rosto, e encontre-me na casa de Prudência depois do espetáculo. — Lembre-se de que prometeu me aceitar como sou.

Aquela última frase me atingiu o coração como uma flecha, ainda mais quando cruzei com o conde levando um saquinho de doces para o camarote de Margarida. No final da peça, no entanto, fui direto ao apartamento de Prudência esperar por meu amor.

Capítulo 5

EU O PERDOO...

Ví, pela sacada do apartamento de Prudência, quando o conde se despediu de Margarida e partiu. Ela logo nos chamou para jantar e me recebeu com um beijo ardente. Olhei a cama, estava arrumada, mas Margarida usava um penhoar branco. Aquilo me deixou angustiado.

— O que tem, meu amor? — perguntou Margarida, notando meu incômodo.

— Ciúme, não posso negar — respondi.

— Não seja bobo, Armando, Margarida o ama — disse Prudência.

Durante o jantar, tentei me animar, mas só me acalmei quando Prudência se foi e pude ficar a sós com Margarida. Puxei-a para bem perto de mim e disse:

— Amo-a tanto, que sinto meu peito doer.

— Pois tenho uma surpresa para você.

— Uma surpresa?

— O que acha de passar uma temporada no campo só comigo?

— Está falando sério? Seria como um sonho!

— Então terá de confiar em mim.

— Confio, meu amor, confio — disse eu, completamente apaixonado.

Quando me despedi de manhã cedo, antes de o duque chegar, beijei-a e perguntei:

— Vemo-nos hoje à noite?





Ela não respondeu, apenas beijou-me de volta. À tarde, recebi um bilhete de Margarida dizendo que ela estava **INDISPOSTA** e que dormiria cedo naquela noite. Marcava um encontro na casa dela para o dia seguinte, ao meio-dia. Quase morri ao ler aquilo. “Ela está me enganando”, pensei.

Como tinha a chave de seu apartamento, resolvi ir até a rua d’Antin e visitá-la mesmo assim, mas o porteiro tinha ordens para não deixar ninguém subir. Fiquei algum tempo parado na frente do prédio, do outro lado da rua, e qual não foi minha surpresa quando a carruagem do conde estacionou na porta do número 9 e subiu, com o consentimento do porteiro. Ele só saiu de lá às quatro da madrugada.

Fui para casa arrasado, exausto, chorando muito. Cheguei à conclusão de que aquele amor me destruiria e que eu deveria voltar para a casa de meu pai, no campo. Escrevi uma carta a Margarida dizendo tudo o que vira na noite anterior. Por fim, despedia-me dizendo que sairia de Paris no dia seguinte. Quando meu criado Joseph retornou da entrega, perguntei:

— Ela mandou resposta?

— Não, senhor.

Chorei mais ainda. Fora ilusão acreditar que ela me amava. De noite, enquanto arrumava as malas para a viagem, a campainha tocou com força.

— Está aqui a senhora a quem entreguei a carta hoje cedo, senhor — disse Joseph.

Meu coração subiu para a boca e mandei que ela entrasse. Senti vergonha pelo meu estado deplorável, os olhos inchados e a aparência abatida. Ela estava lindíssima, como sempre.

— Ia mesmo partir sem se despedir de mim? — perguntou Margarida.

— Ainda estou muito magoado — respondi.

Pedi que Joseph fosse até meu quarto terminar de arrumar as coisas e convidei-a para sentar na poltrona perto da lareira.

— Você está se **PRECIPITANDO** — disse ela. — Não pedi que confiasse em mim?

— E por que deveria? Enganou-me dizendo que estava indisposta e depois recebeu o conde em sua cama.

— Acho que você não se deu conta de que não sou duquesa, nem condessa, Armando. Gasto mais de cem mil francos por ano e tenho dívidas enormes.

📖 **INDISPOSTA:** com mal-estar
 📖 **PRECIPITANDO:** apressando

O duque me dá dinheiro, mas não o suficiente. Por isso não posso me dar o luxo de dispensar o conde, entende?

— Margarida, não sou capaz de suportar isso.

— Por que não, se é você que amo? Enganei-o, é certo, mas foi justamente porque não queria vê-lo sofrer. Consegui com o conde o dinheiro necessário para acertar algumas dívidas **PENDENTES** e assim poder viajar com você para o campo, meu amor.

Ajoelhei-me na frente dela e beijei suas mãos, implorando por perdão.

— Eu o perdoo, mas só se prometer que me ama como eu o amo — disse ela. Joseph apareceu e disse:

— As malas estão prontas, senhor.

— Pois desarrume todas elas! — disse eu, tomando Margarida nos braços.

Capítulo 6

A VIDA NO CAMPO

O que eu não esperava é que nossa ida para o campo ainda fosse levar tempo. Margarida sempre a adiava, alegando precisar de mais dinheiro. Resolvi controlar meu ciúme e aceitar que ela tivesse encontros com outros homens, mas aquilo me corroía por dentro lentamente.

Eu não era rico. Recebia uma pensão anual de minha falecida mãe no valor de oito mil francos. Aos vinte e quatro anos, estava formado em Direito, mas não exercia a profissão. Passava oito meses do ano gastando minha pensão e os quatro meses do verão na casa de meu pai e de minha irmã, fora de Paris. Ao menos eu não tinha dívidas e disso me orgulhava. Atormentado pela situação que estava vivendo, pensei que, se tivesse mais dinheiro, Margarida deixaria a vida de cortesã.

Comecei, então, a jogar. O problema é que Margarida era uma amante cara e eu gastava todo o dinheiro que ganhava no jogo em flores, doces, ingressos para as melhores peças da cidade, jantares, joias e roupas finas. Isso me dava alguma vantagem e é certo que ela me recebia cada vez mais e recusava outras visitas. Quando, no entanto, eu sabia que ela estava com outros homens, o jogo funcionava

👉 **PENDENTES:** ainda não pagas





como um **ANTÍDOTO** contra o desespero. Eu saía e passava a noite apostando, como se minha paixão pudesse ser **ABRANDADA** e o ciúme sufocado. De manhã, no entanto, sentia-me destruído, mas ansioso para vê-la quando fosse chamado.

Certa manhã, recebi um bilhete de Margarida pedindo que eu fosse à sua casa imediatamente. Apressei-me, preocupado, mas senti um alívio quando a vi, radiante, abrindo a porta.

— Tenho uma surpresa maravilhosa! — exclamou. — Pedi ao duque que alugasse para mim uma linda casa no campo. Você vem comigo? — perguntou, com a voz dengosa.

— O que disse ao duque? — perguntei.

— Disse que precisava repousar por um tempo. Ele ficou feliz, não gosta que eu viva em Paris. Atendeu o meu pedido na hora.

— E quanto a mim, não saberá da minha presença?

— Quando ele for me visitar, você pode se hospedar em uma pousada próxima. Já me informei e há um quarto muito confortável, com sala e lareira.

— Ah, minha querida, como eu a amo! — disse, quase gritando.

Partimos no dia seguinte para uma verdadeira lua de mel na cidadezinha de Bougival. Passávamos noites caminhando pelo bosque próximo à casa, olhávamos o entardecer e a noite estrelada, fazíamos amor com uma tranquilidade nunca antes conquistada. Margarida começou a recuperar a saúde e eu me empenhava para isso. Parecia ter se esquecido da vida desregrada que levava em Paris, cheia de festas, jantares e espetáculos. Nanine preparava nossas refeições e Margarida estava até um pouco mais **ROBUSTA** e corada.

No início, ela até recebeu algumas amigas para jantares e pequenas festas, mas com o tempo ficamos só os dois. Nas raras vezes em que o duque apareceu, escondi-me na pousada próxima. Era um tormento passar um ou dois dias longe de minha amada.

Certo dia, no entanto, Prudência apareceu, na companhia de Júlia Duprat, a mesma amiga para quem Margarida me deixou seu diário. Percebi quando, depois do almoço, Prudência e Margarida cochicharam escondidas. Na hora de ir embora, Margarida ofereceu a Prudência que ela levasse sua carruagem para que não voltassem de trem, dizendo que podia devolvê-la em outra ocasião.

👉 **ANTÍDOTO:** remédio contra veneno

👉 **ABRANDADA:** acalmada, suavizada, amenizada

👉 **ROBUSTA:** forte, sadia

— Armando e eu quase não saímos de casa. Não precisamos da carruagem — disse Margarida.

Aquela visita deixou Margarida muito agitada, mas, em alguns dias, já estava melhor. Cerca de duas semanas depois, Prudência apareceu de novo, sem a carruagem. Vi nos olhos de Margarida a grande aflição que sentiu com a presença da amiga.

— Onde está a carruagem? — perguntei.

— Um dos cavalos se feriu na viagem e está sendo tratado — respondeu Prudência.

As duas conversaram baixinho novamente, tomando cuidado para que eu não escutasse, depois Margarida ofereceu um xale bordado em prata para a amiga se aquecer. O xale foi embora com Prudência e também não retornou. Percebi que havia algo de estranho no ar e resolvi ir a Paris em busca de respostas.

— Preciso verificar se há cartas de meu pai em minha casa. Já faz mais de quatro meses que estamos aqui e não dei nenhuma notícia a ele. Deve estar preocupado — expliquei a Margarida.

Chegando a Paris, fui direto à casa de Prudência e perguntei:

— O que está acontecendo?

— Margarida está falida — disse Prudência.

— Vendeu os cavalos e o xale? — perguntei.

— E também as joias. Não há mais nada agora. O pior é que Margarida enlouqueceu.

— O que quer dizer?

— Ela disse ao duque que está vivendo com você e que não quer mais o dinheiro dele. O homem está magoado, desesperado.

Era verdade que o duque não aparecia em Bougival há semanas, mas eu não imaginava que Margarida tivesse feito aquilo. Muito confuso, fui até minha casa e encontrei quatro cartas de meu pai. Nas três primeiras ele escrevia com ar preocupado, dizendo não saber de meu paradeiro. Na quarta, dizia estar ciente do tipo de vida que eu estava levando e afirmava que viria me procurar o mais breve possível.

Não me importei com as cartas. Queria desesperadamente estar com Margarida. Assim que cheguei a Bougival, disse a ela que Prudência havia me contado tudo.

— Ela não devia ter feito isso — disse Margarida.

— Meu amor, sabe que não tenho dinheiro suficiente para dar-lhe a vida a que está acostumada. Eu não conseguiria pagar todos os luxos, joias...





— Não me ama mais? — perguntou ela, com angústia.

— Amo mais do que tudo.

— Então vamos viver juntos, com sua pequena renda, não me importo, mas não me deixe. Não quero voltar à minha antiga vida.

Abracei-a e beijei-a com todas as minhas forças. Nunca imaginei que ela fosse capaz de desistir de todos os seus caprichos por meu amor. Fomos a Paris, vimos uma pequena casa com um jardinzinho na frente para alugar e combinamos de levar uma vida modesta, porém cheia de paixão.

Enquanto Margarida cuidava da venda de seus móveis da rua d'Antin, número 9, fui conversar com um **TABELIÃO** e acertar, sem que ela nem meu pai soubessem, a transferência da pensão de minha mãe para o nome de Margarida. Era pouco dinheiro, mas o mínimo que eu podia garantir à minha amada.

Depois retornamos ao campo, a fim de arrumar as malas e fazer nossa mudança. Eu estava mais feliz do que nunca. Quando, dois dias depois, almoçávamos calmamente, Joseph, meu criado, apareceu.

— Perdoe-me, senhor, aparecer assim de surpresa, mas seu pai encontra-se em sua casa em Paris e deseja vê-lo imediatamente — disse ele.

Margarida e eu nos olhamos, como se soubéssemos que algo ruim estava prestes a acontecer. Parti em seguida e, duas horas mais tarde, estava diante de meu pai.

Capítulo 7

O PAI DE ARMANDO

Ele estava à minha espera, muito sério.

— Vou lhe fazer uma pergunta. Promete ser sincero? — perguntou, assim que me viu entrar.


— Como sempre fui, meu pai — respondi.

— É verdade que está vivendo com Margarida Gautier?

— Sim, é verdade.

— E está apaixonado por ela?

— Sim, senhor.

 **TABELIÃO:** funcionário público que reconhece assinaturas, registra escrituras e outros documentos

— Pois vim até aqui impedi-lo de cometer uma loucura. O dinheiro que sua mãe lhe deixou é para que você tenha uma vida **DIGNA**, não para entregá-lo de bandeja a uma cortesã qualquer — declarou meu pai.

— O que está dizendo? — tentei disfarçar.

— O tabelião me contou tudo. Ele não faria nada sem me consultar.

— O senhor não conhece Margarida, meu pai. Ela não é como está pensando. Margarida me ama e teremos juntos uma vida simples, dentro das minhas possibilidades.

— A paixão não o deixa enxergar, por isso estou aqui para pedir, ou melhor, para ordenar que abandone essa mulher.

— Isso é impossível, meu pai.

— Venha morar comigo e com sua irmã. Você sentirá um pouco no começo, mas irá se recuperar, tendo gente que realmente o ama ao seu lado. Quanto àquela moça, logo terá outro amante para lhe fazer os gostos.

Tentei argumentar, mas não havia meios de convencê-lo de que Margarida me amava. Ele acabou indo para o Hotel Paris e eu, aflito, voltei para os braços de minha amada. Ela me esperava, também ansiosa, na janela da frente.

— O que houve, meu amor? Você demorou — disse ela.

Contei-lhe toda a conversa que tive com meu pai.

— O que faremos? — perguntou.

— Continuaremos com nossos planos. Meu pai terá de acostumar-se.

— Talvez seja uma boa ideia você voltar a Paris amanhã e procurá-lo. Ele estará mais calmo e você também. Não quero que brigue com seu pai por minha causa.

No dia seguinte, de manhã, fui até o hotel, mas ele não estava. Procurei-o em minha casa, Joseph falou que ele não aparecera. Dei algumas voltas pela cidade, almocei no restaurante que sabia que ele gostava, e nada.

No final da tarde, voltei para Bougival e encontrei Margarida sentada em frente à lareira, cabisbaixa. Levou um susto ao me ouvir entrar, como se estivesse perdida em pensamentos.

— Não achei meu pai em lugar nenhum — disse eu.

— Volte lá amanhã. Ele deve ter ido tratar de negócios.

— Amanhã veremos — disse eu.

— É importante que você vá — disse ela.

— Está bem, se você acha... — observei, achando-a um pouco triste.





Naquela noite, jantamos juntos como de costume, mas falamos pouco. A toda hora, eu perguntava se estava tudo bem, e Margarida dizia que só sentia um pouco de cansaço. Ela custou a dormir e pediu para eu abraçá-la forte de madrugada. Chegou a acordar chorando por volta das três da manhã, mas voltou a dormir segurando minhas mãos, afirmando que tivera apenas um pesadelo.

Quando acordamos, ela continuava estranha, talvez até com um pouco de febre. Eu disse que não iria a Paris. Meu entendimento com meu pai podia esperar.

— Você está doente. Não quero deixá-la aqui sozinha — expliquei.

— Vá, meu querido, vá. Eu estou bem. Foi só uma noite maldormida — insistiu Margarida.

Sugeri que ela me acompanhasse até a estação de trem, assim ficaríamos juntos mais tempo. Ela concordou, dizendo que um passeio a pé lhe faria bem. Nanine foi junto, para que ela não voltasse sozinha. Quando o trem chegou, Margarida me abraçou com força, pedindo:

— Diga que me ama, por favor.

— Eu a amo! À noite estarei de volta para jantarmos juntos.

Ela não disse nada, e vi lágrimas saírem de seus olhos quando subi no vagão. Chegando a Paris, fui direto à casa de Prudência pedir-lhe que fosse visitar Margarida. Não me agradava a ideia de deixá-la aflita e adoentada em Bougival. A modista estava se arrumando para sair e pareceu nervosa ao me ver.

— É você? — perguntou. — E Margarida, não veio?

— E por que deveria vir? — perguntei.

— É que, como está aqui, pensei que... que ela também estivesse — respondeu, sem graça.

— Vim justamente pedir-lhe que vá ao campo passar o dia com ela. Margarida não está bem.

— Agora preciso sair, mas amanhã irei — disse ela.

Fui ao hotel e encontrei meu pai. Ele estava muito diferente. Disse que havia refletido e chegado à conclusão de que tinha sido muito duro comigo. Desculpou-se e disse que gostaria de conhecer Margarida pessoalmente, afinal, queria apenas a felicidade de seu filho. Aquelas palavras me encheram de alegria. Almoçamos juntos e passamos o dia passeando pela cidade. No final da tarde, ele me acompanhou até a estação e peguei o trem para Bougival.

A casa estava toda escura quando cheguei. Nanine estava dormindo e acordou para abrir a porta. Fui direto ao quarto, mas a cama estava vazia.

— Onde está Margarida? — perguntei a Nanine.

— Foi para Paris, senhor. Pensei que tivesse ido ao seu encontro.

— Já é tarde — reparei.

— Ela deve voltar logo.

Esperei até uma hora da manhã e nada de Margarida. Um milhão de coisas passavam pela minha cabeça. “Será que ela arrumou um comprador para seus móveis e foi, às pressas, negociar?”, pensava. “Por que não disse a Nanine aonde ia? Por que estava tão misteriosa e triste na noite anterior? Por que Prudência perguntou por Margarida quando me viu?” Fiquei olhando o quarto, a cama onde havíamos vivido tantos momentos de amor e observei *Manon Lescaut* na cabeceira, ainda aberto na página em que Margarida estava lendo. Às duas horas, não aguentei a espera e saí, feito louco, andando pela noite, em direção a Paris.

Cheguei lá de manhã bem cedo, por volta de seis horas, e vi a cidade ainda calma, dormindo. Fui direto à rua d’Antin, número 9. Cumprimentei o porteiro e subi, mostrando-lhe minha chave. O apartamento estava todo escuro, com as cortinas fechadas. Abri as janelas, entrei em todos os cômodos, mas nada de Margarida. Chamei por Prudência da sacada, mas não tive resposta. O porteiro me ouviu e gritou lá de baixo:

— O senhor é Armando Duval, não é?

— Sou sim — respondi.

— Há uma carta aqui para o senhor.

Desci as escadas correndo e encontrei o porteiro. O envelope dizia que a carta era para Prudência Duvernoy, para ser entregue a Armando Duval.

— A senhora Duvernoy não dormiu em casa hoje — disse o porteiro.

— Não importa, a carta chegou ao **DESTINATÁRIO** — disse eu, abrindo o envelope com as mãos tremendo.

Caminhando pela rua, tomei coragem e li:

Querido Armando,

Quando você ler estas palavras, já terei arrumado outro amante. Volte para a casa de seu pai e para a companhia de sua irmã, que é uma mulher verdadeiramente pura. Logo você terá esquecido que viveu com uma cortesã chamada Margarida Gautier, uma mulher que o amou mais que tudo na vida e que espera não ter uma existência muito mais longa.

Margarida

Fiquei atônito, sem saber o que pensar, para onde ir, o que fazer. Caminhando

 **DESTINATÁRIO:** pessoa a quem se remete algo



sem destino, fui parar na frente do Hotel de Paris. Entrei e encontrei meu pai sentado em uma poltrona, lendo em seu quarto. Por impulso, joguei-me em seus braços e chorei como criança.

Capítulo 8

AMOR E VINGANÇA

Acabei cedendo aos pedidos de meu pai e seguindo com ele para o campo. Enquanto a carruagem deixava Paris, eu olhava para trás e via meu passado feliz cada vez mais distante. Passei um mês em uma espécie de **TORPOR**, sem vontade de comer, levantar da cama e muito menos participar das caçadas que meu pai inventava para me distrair. Minha irmã, sem saber de nada, tentava entender por que eu estava tão infeliz.

De repente, uma vontade incontrolável de ver Margarida tomou conta de mim. Falei ao meu pai que iria a Paris tratar de negócios. Imaginando minhas intenções, ele tentou me fazer desistir, mas fui firme e parti, prometendo voltar logo.

Já na cidade, segui até meu apartamento a fim de tomar um banho e pensar como seria a melhor forma de **ABORDAR** minha antiga amante. Depois, caminhei até a avenida Champs-Élysées para me distrair e tomar um pouco de ar.

Meia hora depois, meu coração começou a acelerar: a carruagem de Margarida desceu a rua, passou por mim e estacionou mais à frente. Ela havia comprado seus cavalos de volta. De certa distância, vi quando o cocheiro parou e ela saltou, junto com uma amiga que eu não conhecia. As duas puseram-se a caminhar, conversando animadamente.

Uma espécie de raiva subiu pelo meu corpo. Eu esperava ver Margarida triste, não feliz como aparentava. “Como pude acreditar que ela largaria uma vida de luxos por mim?”, pensava. De fato, tinha arrumado outro amante para lhe comprar os cavalos, o xale e as joias de volta.

Caminhei um pouco mais rápido e passei por Margarida e sua amiga. Cumprimentei-as sem me aproximar e segui meu caminho. Vi, no entanto, que ela empalideceu imediatamente quando me viu. As duas mulheres subiram novamente na carruagem e partiram.

👉 **TORPOR**: inércia, falta de estímulos

👉 **ABORDAR**: aproximar-se de alguém



Resolvi ir à casa de Prudência. Fui anunciado pela criada, mas a modista levou alguns minutos para me receber. Percebi certa agitação na porta dos fundos.

— Desculpe, Armando, mas Margarida estava aqui. Quis sair quando ouviu seu nome — disse Prudência.

— Por quê, se foi ela quem rompeu comigo? — perguntei.

— Ela ainda o ama. Veio me contar, com as mãos tremendo, que o viu hoje na Champs-Élysées.

— Pena que seu amor não supere minhas condições financeiras. Preferiu um amante rico. Aliás, quem é o homem que lhe devolveu a opulência?

— O conde. Ele sabe que ela não o ama, mas não se importa.

— Eu imaginei.

— Ela não vive feliz como você pensa, Armando. Está sempre em bailes, espetáculos, voltou a ter uma vida desregrada. Tudo para esquecer você.

— E você ajudou-a a se separar de mim, não é, Prudência? — perguntei.

— Eu não podia ver minha amiga se afundando na pobreza.

— Veja que coisa: com a sua ajuda, tornei-me amante de Margarida e, com sua ajuda, afastei-me dela.

Prudência se calou.

— Ela nunca mais voltou a Bougival? — perguntei.

— Não, ela tem pavor a ir ao lugar onde, me disse, foi tão feliz. Fui eu mesma até lá buscar suas coisas. Empacotei as suas também, Armando. Pode mandar retirá-las aqui em casa, se quiser. Somente uma pasta com suas iniciais ficou com Margarida, de recordação, mas, se quiser, peço de volta.

Uma onda de tristeza me invadiu, ao saber que Margarida guardara um objeto meu. No entanto, disfarcei:

— Não é necessário, diga a ela que pode ficar com a pasta. Diga também que eu a perdoo. É claro que penso nela de vez em quando, mas é só uma distante lembrança de alguém que nunca poderia ter sido minha de verdade — disse, tentando parecer indiferente, mas com o coração em pedaços.

— Mas fale, está de volta a Paris? — perguntou Prudência.

— Estou e vim perguntar se há alguma festa por esses dias. A vida no campo com meu pai e minha irmã causa tédio.

— Haverá uma ótima amanhã e tenho um convite sobrando. Gostaria de ir?

— Agradeço. Quer que eu venha buscá-la?

— Vou com Margarida e Olímpia.





— Olímpia?

— A moça que estava com Margarida hoje de manhã na Champs-Élysées.

— Uma muito bonita, loira, de cabelos cacheados e olhos azuis?

— Isso mesmo.

Despedi-me de Prudência com a cabeça fervilhando e um desejo de vingança dentro de mim. Durante a festa, a primeira coisa que fiz foi convidar Olímpia para dançar. Informei-me e descobri que ela não tinha amantes. Eu estava decidido a ser o seu. Quando Margarida me viu dançando com Olímpia, saiu da festa na mesma hora.

Em pouco tempo, tornei-me amante de Olímpia. Presenteei-lhe com joias, jantares, vestidos, doces e flores. Margarida e ela romperam a amizade e as duas passaram a trocar insultos quando se encontravam publicamente. Para mim, aquilo era um **TRIUNFO**, porém com gosto amargo.

Certa noite, a campainha tocou na minha casa. Eu estava sozinho e Joseph foi abrir. Fazia cerca de três semanas que eu estava em Paris. Estremeci quando ouvi a voz de Margarida perguntar:

— O senhor Duval está em casa?

Disse que Joseph podia ir dormir e recebi Margarida, agora magérrima, pálida e visivelmente adoentada. Tremia e fervia em febre. Preocupado, convidei-a a sentar-se perto do fogo, na mesma poltrona onde estivera meses atrás.

— Vim para pedir-lhe que pare de me castigar — disse ela, tossindo muito.

— Do que está falando? — perguntei, tentando fingir que não sofria com nossa separação.

— Ora, Armando, de Olímpia. Sabe que não suporto vê-los juntos.

— Pensei que tivesse outro homem e não se importasse mais comigo.

— Sabe que o amo. O conde apenas me sustenta.

— Então nunca teve a intenção de me aceitar com o dinheiro que tenho? Precisava de mais, por isso rompeu comigo de modo tão brusco.

— Fiz o que as circunstâncias me obrigaram.

— Que circunstâncias?

— Não posso dizer-lhe mais do que isso. Isso o afastaria de pessoas que o amam. Eu não faria isso.

— Que pessoas?

— Armando, não me peça para dizer mais nada — falou, em um tom melancólico.

👉 **TRIUNFO**: vitória

A visão de minha amada ali na minha frente, frágil e delicada, me fez desmontar e esquecer que desejava traí-la, vingar-me por ela ter me abandonado. Fiz que ela se levantasse da poltrona puxando-a contra o peito e pedindo:

— Fique comigo, meu amor. Vamos esquecer tudo o que passou.

Ela não disse nada. Estava gelada, trêmula e se deixou abraçar. Beijamo-nos intensamente e fomos para o quarto, onde tivemos uma linda noite de amor. Não dormimos um só minuto, acariciando-nos, falando palavras bonitas, amando-nos hora com ternura, hora com paixão. De manhã, ela partiu, deixando um vazio enorme no meu peito.

Confuso, fui à casa de Margarida por volta do meio-dia, mas Nanine disse-me que ela chegara, arrumara as malas e partira para Londres. Precisava descansar, por ordens médicas. Novamente, enlouqueci, vaguei pela cidade sem saber o que pensar.

Um amigo me convidou para acompanhá-lo em uma viagem pelo Mediterrâneo. Com o incentivo de meu pai, resolvi ir. Não havia mais nada em Paris que me prendesse. Despedi-me de Olímpia dando-lhe algum dinheiro e parti. Quando estava em Alexandria, fiquei sabendo, por um funcionário da embaixada francesa, que eu vira algumas vezes nos cafés da Champs-Élysées, que Margarida Gautier estava mal. Voltara de Londres e morria lentamente em seu apartamento em Paris. Escrevi-lhe uma carta, cuja resposta foi a que lhe mostrei. Depois, tudo se foi, ela se foi, deixando-me aqui, ainda perdido.

EPÍLOGO

Li o diário deixado por Margarida a Armando, e entregue a ele por Júlia Duprat, única amiga que ficou ao seu lado até sua morte, pois até as pessoas mais próximas, como Prudência, se afastaram quando Margarida deixou de ser o centro das atenções por causa da doença. Eram, na verdade, cartas a Armando. Nele, Margarida contava o que realmente havia acontecido para que eles se separassem:

“Lembra-se quando foi a Paris ver seu pai e me contou toda a discussão que tiveram por minha causa, meu amor? Eu o aconselhei a ir até o hotel e se entender com ele, mas até hoje não sei se fiz bem. De manhã, assim que você partiu, ele apareceu em Bougival para me fazer um pedido.

— Minha filha mais velha quer se casar com um homem de bem, de ótima família, por isso venho lhe falar — disse ele.





Quando lhe perguntei no que poderia ser útil, ele me disse que os pais do rapaz se recusavam a aceitar o casamento enquanto Armando estivesse manchando o nome da família mantendo um relacionamento com uma cortesã.

*Ele chorou, implorou perdão por estar me pedindo que **RENUNCIASSE** ao seu amor, mas acabou por me convencer quando afirmou que eu estaria arruinando a vida de uma jovem **DONZELA**, bonita e com um lindo futuro pela frente, se me recusasse a abandoná-lo. Prometi ao seu pai que você teria raiva de mim, e assim foi como você sabe. Perdoe-me, querido, por fazê-lo sofrer, mas eu não queria destruir sua família com minha má fama”.*

Armando tinha certeza de que Branca, sua irmã, nunca soubera de nada, nem mesmo da existência de Margarida e, estranhamente, ele não tinha raiva do pai. Aos poucos, Armando foi melhorando de saúde, mas andava meio como morto-vivo pela cidade, sustentado apenas pelas últimas palavras de Margarida em seu diário:

“Estou morrendo, sei disso, mas me sinto feliz por ter vivido ao seu lado. Eu o amo muito, Armando, não importa o que aconteça”.

📖 **RENUNCIASSE:** deixar, recusar

📖 **DONZELA:** mulher virgem (antigamente, mulher nobre)

ROTEIRO DE LEITURA

- 1) A maior parte da história se passa em Paris, na França. Faça uma pesquisa na Internet e descubra: Quais os pontos históricos mais importantes de Paris? Procure sites que apresentem passagens da história da França.
- 2) *A Dama das Camélias* contém traços de uma escola literária chamada Romantismo. Com a ajuda de seu professor de Português e Literatura, pesquise as principais características do Romantismo e seus autores mais marcantes.
- 3) Você acha que Margarida Gautier era feliz antes de conhecer Armando Duval? Justifique sua resposta.
- 4) Margarida Gautier sofria algum tipo de preconceito por ser uma cortesã? Justifique sua resposta com passagens do próprio texto.
- 5) Você acha que Armando Duval tinha amor-próprio ou seu amor por Margarida Gautier era maior do que o que sentia por si mesmo? Dê exemplos de atitudes que ele teve durante a história.
- 6) Quantos narradores tem a história? Quem são eles?
- 7) Por que o pai de Armando Duval era contra a união de seu filho com Margarida Gautier? Você acha que ele estava certo?
- 8) Você acha que a história contada pelo pai de Armando a Margarida, sobre o casamento de sua filha, era verdadeira? Justifique sua resposta.
- 9) Você acha que o pai de Armando teve uma atitude ética ou não pedindo a Margarida que se afastasse de seu filho? Procure em um dicionário o significado da palavra ética antes de responder.
- 10) Se estivesse no lugar de Margarida, abandonaria seu amado em favor da honra de uma família? Justifique sua resposta.
- 11) Você acha que Prudência era uma boa amiga de Margarida? Se você fosse a modista, aconselharia Margarida a abandonar Armando? Justifique sua resposta.
- 12) Margarida gostava de comer doces durante as apresentações de teatro a que assistia. O que você acha que esse hábito significa, em termos metafóricos? Você acha que Margarida era uma pessoa que apreciava os prazeres da vida?
- 13) Por que você acha que Margarida se apaixonou por Armando; ela que era uma mulher que conhecia tantos homens?
- 14) Cite algumas passagens do texto nas quais você acredita que haja uma crítica à sociedade e aos costumes parisienses da época.



- 15) Margarida sofria de tuberculose. Pesquise, com a ajuda de seu(ua) professor(a) de Ciências, e descubra o que é essa doença e como ela pode ser contraída.
- 16) Faça um desenho que ilustre as ruas de Paris na época em que se passa a história do livro. Você pode pesquisar sobre a época e também usar sua imaginação, incluindo pessoas com trajes diferentes, carruagens, cafés, restaurantes, jardins etc.
- 17) De que personagem você gostou mais: Margarida Gautier ou Armando Duval? Por quê?
- 18) Escolha uma passagem do texto e ensaie uma pequena peça de teatro em grupo. Depois, apresente-a para seus colegas de classe.
- 19) Armando era um advogado recém-formado, mas não exercia a profissão. Por que você acha que ele não trabalhava? Se você tivesse muito dinheiro de família, ainda assim gostaria de trabalhar? Justifique sua resposta.
- 20) Que conselho você daria a Armando, agora que sua amante está morta e ele precisa continuar vivendo? Que coisas ele poderia fazer para levar a vida adiante?



A DAMA DAS CAMÉLIAS

Alexandre Dumas Filho

BIOGRAFIA DO AUTOR

Alexandre Dumas Filho, filho de Alexandre Dumas (autor de *Os Três Mosqueteiros*, *O Conde de Monte Cristo*, *O Homem da Máscara de Ferro*, entre outros), nasceu em Paris no ano de 1824.

Seu romance *A Dama das Camélias*, de 1848, ilustra o complicado relacionamento entre um jovem estudante e uma prostituta, história baseada no romance que Alexandre Dumas Filho viveu com uma cortesã chamada Marie Duplessis entre 1842 e 1845. O livro ainda apresenta uma refinada crítica da sociedade parisiense no século XIX, tratando de assuntos como preconceito, hipocrisia e moralidade.

A Dama das Camélias foi adaptado para o teatro em 1851 e apresentado com grande sucesso em 1852, embora muitos tenham tachado a peça de imoral. Ainda hoje é uma obra consagrada do autor, que escreveu inúmeras peças, entre elas *O Filho Natural* e *A Estrangeira*.

Alexandre Dumas Filho ficou famoso como o pai e morreu no ano de 1895, aos 65 anos de idade, na cidade de Marly-le-Roy.

